



Universidades Lusíada

Tavares, Teresa
Bonito, Jorge
Oliveira, Maria Manuela

O consumo de álcool pelos alunos do 9.º ano de escolaridade no distrito de Beja : fatores determinantes

<http://hdl.handle.net/11067/960>
<https://doi.org/10.34628/m5qj-2881>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	O álcool é a droga mais procurada no mundo, tendo-se registado um grande aumento do consumo pelos jovens nos últimos anos. Este estudo, inserido num projeto de maior dimensão, pretende dar conta das representações que os alunos do 9.º ano de escolaridade das escolas do distrito de Beja têm acerca do consumo de bebidas alcoólicas, nos diferentes contextos sociais, para, posteriormente, conceber e implementar um programa de intervenção preventiva seletiva do consumo de álcool. A recolha de informa...
Palavras Chave	Jovens - Consumo de álcool - Portugal - Beja, Jovens - Consumo de álcool - Portugal - Beja - Prevenção
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 04, n. 1 (Janeiro-Junho 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:09:39Z com informação proveniente do Repositório

**O CONSUMO DE ÁLCOOL PELOS ALUNOS DO 9.º ANO DE
ESCOLARIDADE NO DISTRITO DE BEJA:
FATORES DETERMINANTES**

**THE ALCOHOL CONSUMPTION BY STUDENTS FROM
THE 9TH GRADE IN THE DISTRICT OF BEJA**

Teresa Tavares

Professora da Escola Secundária com 3.º Ciclo D. Manuel I (Beja)

E-mail: tsousatavares@gmail.com

Jorge Bonito

Professor Auxiliar da Universidade de Évora.

Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores.

E-mail: jbonito@ua.pt

Maria Manuela Oliveira

Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Matemática da Universidade de Évora.

E-mail:mmo@uevora.pt

Resumo: O álcool é a droga mais procurada no mundo, tendo-se registado um grande aumento do consumo pelos jovens nos últimos anos. Este estudo, inserido num projeto de maior dimensão, pretende dar conta das representações que os alunos do 9.º ano de escolaridade das escolas do distrito de Beja têm acerca do consumo de bebidas alcoólicas, nos diferentes contextos sociais, para, posteriormente, conceber e implementar um programa de intervenção preventiva seletiva do consumo de álcool. A recolha de informação fez-se com recurso a um inquérito por questionário, construído pelos autores deste trabalho e validado por peritos externos e em testagem piloto. Procedeu-se à análise estatística descritiva e inferencial, usando-se o SPSS. Verificou-se que os alunos tendem a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas por volta dos 13 anos. As variáveis “Com quem consumiu a primeira bebidaalcoólica” e “O local de consumo da primeira bebida alcoólica” foram identificadas como determinantes para o consumo de

álcool; porém, a variável “Os contextos sociais/ocasiões onde consome bebidas alcoólicas” não se assumiu com a mesma relevância que as anteriores.

Palavras-chave: álcool; alunos; dependência; prevenção.

Abstract: Alcohol is the most popular drug in the world, having seen a large increase in consumption by young people in recent years. This study, part of a larger project, aims to identify the representations that the students of 9th grade schools in the district of Beja have about the consumption of alcoholic beverages in different social contexts, to then design and implement a selective preventive intervention program of alcohol consumption. The information collection was made using a survey questionnaire, constructed by the authors of this paper and validated by external experts and pilot testing. We conducted descriptive and inferential statistical analysis using the SPSS. We found that students tend to start drinking alcohol at about 13 years old. The variables “Who consumed the first alcoholic beverage” and “The place of first alcohol consumption” were identified as determinants of alcohol consumption, but the variable “Social contexts/occasions where consuming alcohol” is not assumed with the same importance than before.

Key-words: alcohol; students; addiction; prevention.

Introdução

O consumo de bebidas alcoólicas tem sido, manifestamente, muito bem tolerado pela sociedade portuguesa. É associado à diversão, a brindes e comemorações, a cerimónias religiosas, a hábitos sociais, a tradições, à medicina e até como fonte de inspiração. Pese embora o preceito legal que estabelece a proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos (Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro), o consumo deste tipo de bebidas não é visto, pela mesma sociedade, como se de uma droga se tratasse. Consequentemente, não é difícil observar no quotidiano da nossa vida a venda de bebidas alcoólicas a crianças com idade inferior a 16 anos, nos vários tipos de estabelecimentos comerciais, assim como notar alguma falta de fiscalização por parte das entidades competentes.

Por outro lado, encontramos, amiúde, a ideia de que algumas pessoas são dependentes do consumo de bebidas alcoólicas mas, ainda assim, esta dependência é encarada como um estado de vontade, mais ou menos passageira, que pode vir a desaparecer apenas pela mudança de atitude. Não é comum associar-se esta dependência a um problema de saúde mental, quando, de facto, não existe qualquer dúvida que o seja (Schuckit, 1991, 1998).

Uma simples curiosidade, ou um mero hábito social, pode conduzir a estados futuros de dependência, cujas consequências a níveis biológico, social, psicológico,

económico, conseguem condicionar todo o percurso de uma vida pessoal. Para além disso, o consumo está intimamente enraizado a determinados mitos e conceções alternativas acerca dos efeitos do álcool no organismo, que dificultam a mudança de pensamento, de sentimento e, conseqüentemente, os juízos de valor necessários para a mudança do estilo de vida.

Se dirigirmos o olhar para o nível familiar, percebe-se que o consumo de álcool é mais aceite que o de tabaco. Por vezes, é a própria família a estimular o seu consumo. A investigação detetou que filhos, sobrinhos e netos consomem bebidas alcoólicas (principalmente, vinho ou cerveja) para se “emanciparem” na sua masculinidade, frequentemente incitados pelos homens da família (Marti, 1996). Diz-se, em jargão: “É de homem! E homem que é homem bebe!”.

A escola tem sido apontada como um dos locais de privilégio para trabalhar no fortalecimento das escolhas positivas para a saúde e na promoção das mudanças dos comportamentos e estilos de vida não saudáveis ou de risco. E, junto com esta mesma escola, coexiste uma comunidade que seduz as crianças e jovens para a antítese do saudável. Esta dissociação de valores (Passão Lopes, 2009), entre o comportamento que se sabe desejado e aquele que se gera por antítese, cria nos jovens com acesso a dinheiro e a liberdades, que outrora eram de menor dimensão, estilos de vida noturnos (contagiando, posteriormente, os diurnos), onde a presença de bebidas alcoólicas é constante. Novas experiências e fenómenos surgem sem demora, incluindo, por exemplo, o bingedrinking, cujo objetivo é produzir um estado de rápida embriaguez. E nesta dissociação comunitária, percebe-se a tolerância para o consumo e a condenação dos comportamentos que o mesmo gerou.

A consciência acerca do abuso de álcool em Portugal foi aumentando gradualmente, função do consumo inadequado ou excessivo que se registava entre crianças, jovens e adultos. Em 1999 foi criada uma comissão interministerial (Resolução do Conselho de Ministros n.º 40/99, de 8 de maio) com os objetivos de analisar e integrar os múltiplos aspetos associados à luta contra o consumo de álcool e de propor um plano de ação que constituísse um reforço e aprofundamento do disposto na estratégia da saúde. Através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000, de 29 de novembro, foi aprovado o Plano de Ação contra o Alcoolismo, com a meta principal de contribuir contra o “consumo excessivo ou o abuso de bebidas alcoólicas, envolvendo, simultaneamente, uma componente de estudo e investigação do fenómeno do álcool e do seu consumo tendo em vista a promoção e a educação para a saúde”. O Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro, procura contribuir para o esforço de implementação das várias medidas preconizadas no plano de ação referido, aprofundando a cooperação interministerial.

De acordo com um estudo realizado por Gameiro (1998), na população jovem (15-24 anos) cerca de 500 mil jovens já consumiam bebidas alcoólicas três vezes por semana ou mais. Feijão e Lavado (2003), no trabalho sobre consumo de álcool, tabaco e droga (ECATD) referem que cerca de 9% dos rapazes e 5% das raparigas de 13 anos, e cerca de 60% dos rapazes e 42% das raparigas de 18 anos, já experienciaram, pelo menos uma vez, intoxicações alcoólicas (“bebedeiras”).

Em 2003, segundo o World Drink Trends (WARC, 2005), Portugal ocupava o oitavo lugar no consumo mundial de álcool, com um valor estimado de cerca de 9,6 litros de etanol per capita, correspondendo ao consumo acumulado de 58,7 litros de cerveja, 42 litros de vinho e cerca de 3,3 litros de bebidas destiladas. Os dados do Inquérito Nacional de Saúde de 2005-2006 (INSA, 2006) apontam para um crescimento da percentagem de consumidores de álcool no Alentejo, comparativamente ao período entre 1995-1996, enquanto nas demais regiões do país a tendência é inversa. A taxa de prevalência de consumo de álcool pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário aumentou, entre 2001 e 2006, sendo mais elevada no Alentejo (os dados do inquérito de 2010 do HBSC/OMS confirmam esta tendência, que se regista, também, ao nível do consumo de tabaco). Há a destacar os distritos de Portalegre, Évora e Beja, sendo este último, o que se apresenta com maior taxa de prevalência de consumo de bebidas alcoólicas. É, também, no Alentejo onde se verificou a maior taxa de embriaguez entre os alunos de 3.º ciclo e do secundário (Feijão, 2010).

O II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral de Portugal, em 2007, abrangeu uma amostra total de 15 000 indivíduos do continente e das ilhas, com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos de idade. Segundo Balsa, Vital, Urbano, Barbio e Pascueiro (2008), de 2001 para 2007 a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas aumentou de 75,6% para 79,1%. Em 2001, cerca de 30% da proporção da população iniciou o consumo de bebidas alcoólicas entre os 15 e os 17 anos, tendo essa proporção aumentado para 40% em 2007.

O Instituto da Droga e da Toxicodependência realizou em 2001 e 2006 os estudos do Inquérito Nacional em Meio Escolar (INME), onde se caracterizaram os consumos dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, das diferentes regiões do território português (Feijão, 2008). Os dados apontaram no sentido de uma diminuição da percentagem de alunos que já consumiu alguma bebida alcoólica: no 3.º ciclo diminuiu de 67% para 60% e no ensino secundário passou de 91% para 87%. Detetou-se, no mesmo período, uma certa estabilidade da quantidade de consumidores nos “últimos 12 meses” – 49% e 48% (3.º ciclo) e 76% e 79% (Secundário). Verificou-se, contudo, um aumento na prevalência dos consumos nos “últimos 30 dias”, de 25% para 32%, no 3.º ciclo, e de 45% para 58%, no ensino secundário.

Por outro lado, os resultados de 2002 e 2006 do inquérito Health Behaviour in School-aged Children (Matos, Carvalhosa, Reis & Dias, 2001; Matos, 2008), estudo da Organização Mundial de Saúde com alunos do 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade, sugerem que, no geral, tanto os jovens que já experimentaram, como os consumidores regulares e abusivos de álcool, revelam um perfil de afastamento em relação à família, à escola e ao convívio com os colegas em meio escolar, apresentando com mais frequência envolvimento com experimentação e consumo de tabaco e substâncias ilícitas e envolvimento em lutas e situações de violência na escola. De acordo com o mesmo inquérito de 2010 (Matos et al, 2012), cerca de 40%

dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade e cerca de 60% refere que se embriagou pela primeira vez, por volta dos 14 anos.

Tendo em conta a totalidade dos países participantes no ESPAD (2007), pelo menos dois terços dos estudantes ingeriram álcool pelo menos uma vez ao longo da sua vida, com uma média próxima dos 90%, no inquérito de 2007. Os valores médios correspondentes relativos aos consumos de álcool nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias são de 82% e 61% respetivamente. Estes números mantiveram-se praticamente inalterados entre 1995 e 2007 no que se refere aos níveis de prevalência ao longo da vida e nos últimos 12 meses, enquanto os números referentes aos últimos 30 dias aumentaram até 2003, diminuindo depois ligeiramente em 2007, especialmente entre os rapazes. Portugal revela uma tendência ascendente contínua no consumo esporádico excessivo, durante os últimos 30 dias desde 1995 até 2007, sendo este bastante mais comum entre os rapazes do que entre as raparigas. Contudo, esta diferença diminuiu bastante em 2007. O aumento mais pronunciado entre 2003 e 2007 verifica-se em Portugal, onde a percentagem de estudantes que referem o consumo esporádico excessivo durante os últimos 30 dias aumentou de 25% para 56%.

Os resultados do inquérito Health Behaviour in School-aged Children de 2010 (Matos et al., 2012), com uma população de 5050 alunos, indicam que 89,8% dos inquiridos declararam raramente ou nunca terem consumido bebidas destiladas; 7,1% todos os meses consumiram (13,7% no 10.º ano de escolaridade); 2,8% todas as semanas; 0,3% todos os dias. A incidência do consumo mantém-se superior entre os rapazes comparativamente às raparigas

Este estudo parte da motivação de melhor compreender o fenómeno do consumo de álcool entre jovens escolares, para se poder intervir sobre essa realidade, no domínio da prevenção seletiva. Desenvolveu-se com alunos do 9.º ano de escolaridade em escolas e agrupamentos do distrito de Beja e teve como objetivo identificar os fatores que induzem os adolescentes a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas.

Metodologia

Participantes

A população de alunos do 9.º ano de escolaridade, no distrito de Beja, era no ano letivo de 2010/2011 constituída por cerca de 1 051 alunos. Não sendo este trabalho um estudo de Censos, seleccionámos uma amostra que se pretendia superior a 100 alunos. Para aumentar a probabilidade de taxa de retorno, e saturar a amostragem, aplicámos questionários a 30,4% da população, num total de 312 alunos, distribuídos por 12 turmas de escolas básicas de 2.º e 3.º ciclos e escolas secundárias c/ 3.º ciclo, do distrito de Beja. A taxa de retorno foi cerca de 44,9%, com 140 questionários válidos.

Instrumentos de recolha de informação

Foi construído um questionário, de raiz, dividido em três dimensões: sócio-cultural, pessoal e representações sociais (Tabela 1). Apenso ao questionário, juntou-se o Alcohol Use Disorders Identification Test- AUDIT (Babor, Higgin-Biddle, Saunders e Monteiro, 2001), com vista à determinação do tipo de consumo dos alunos.

Tabela 1. Matriz dimensões/objetivos/questões

	Dimensão	Sub-dimensão	Objetivos	Perguntas
Parte I	Sócio-cultural	-	a)	1 - 9
Parte II	Pessoal	Representações, atitudes, comportamentos e crenças	b)	1-9, 16, 17, 19-21, 24-40
		Hábitos de consumo e contextos sociais	c)	1-34, 36, 37
		Fatores que induzem os consumos	d)	5-9, 34, 37, 39
Parte III	Representações sociais	Representações, atitudes comportamentos e crenças	b)	1-74
		Hábitos de consumo e contextos sociais	c)	8-15, 64, 71, 72
		Fatores que induzem os consumos	d)	7-15, 18-24, 36, 39

Para o processo de validação, o questionário foi sujeito à apreciação de um painel de quatro especialistas: António Neto (Universidade de Évora), Domingos Neto (Faculdade de Ciências Médicas - UNL); Jorge Bonito (Universidade de Évora) e Margarida Gaspar de Matos (Faculdade de Motricidade Humana - UTL). Depois de realizadas as devidas alterações, o questionário-piloto foi aplicado a uma amostra de 27 alunos da Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, permitindo perceber a reação dos respondentes e obter outra informação acerca da formulação das próprias questões. Foi obtida autorização da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e dos diretores das escolas para aplicação do questionário. A aplicação foi feita entre maio e junho de 2011.

A análise da informação dos questionários foi tratada com recurso ao SPSS (versão 18.0).

Resultados

Caracterização da amostra

No que diz respeito à caracterização da amostra, cerca de 55,7% dos inquiridos são do sexo feminino. A média das suas idades é de 14,9 anos (DP 0,891), sendo o valor mais frequente de 15 anos. O erro padrão da média é de 0,075, revelando uma pequena dispersão entre as idades médias obtidas em amostras semelhantes do mesmo universo.

Descrição das variáveis

De seguida, apresentam-se os resultados para as variáveis “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica”, “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica”, “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica”, “Contextos sociais onde costuma consumir álcool”, “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”, “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”, “Qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas”, “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si”, com vista à caracterização do início do consumo de álcool por parte dos alunos.

Numa primeira fase foi analisado o alfa e a correlação de todos os itens da parte II do questionário. Esta dimensão apresenta um Alfa de Cronbach para a escala total de 0,746, o que significa que o instrumento apresenta boa consistência interna (Pestana & Gageiro, 2008).

Neste estudo, apenas 12 alunos (8,6%) referiram que nunca consumiram bebidas alcoólicas; conseqüentemente, não responderam (NR), sob nossa indicação, às questões sobre os seus hábitos de consumo, pelo que consideramos um total de 128 alunos e não os 140.

Relativamente à variável “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica” os resultados apresentam-se na Tabela 2.

Tabela 2. Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica”

Anos de idade	f	%
4	1	0,8
5	2	1,6
6	1	0,8
7	1	0,8
9	3	2,3
10	6	4,7
11	6	4,7
12	25	19,5
13	35	27,3
14	32	25,0
15	12	9,4
16	2	1,6
Total	126	98,4
Missing	2	1,6
Total	128	100,0

Os dados da Tabela 2 permitem perceber que para um pouco mais de 1/4 da amostra inquirida o primeiro contacto com a bebida alcoólica fez-se aos 13 anos de idade, ainda que, cerca de 20% a tivesse experimentado um ano antes, pese embora o preceito legal que estabelece os 16 anos como idade mínima para consumir bebidas alcoólicas. A média das idades do 1.º consumo é de 12,7 anos (DP = 2,056 e erro standard da média = 0,183). Lemos com alguma inquietude o facto de 5,6% dos estudantes declarar ter experienciado o álcool antes dos 10 anos de idade e, particularmente, um deles afirmar que fora aos 4 anos e outros dois aos 5 anos. Os nossos resultados estão de acordo com o inquérito Health Behaviour in School-aged Children de 2010 (Matos et al, 2012), onde cerca de 40% dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade.

Na Tabela 3 apresentam-se os dados da variável “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica”.

Tabela 3. Frequências absolutas e percentagens da variável “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica”.

Locais	f	%
escola	3	2,3
café	14	10,9
discoteca/bar	52	40,6
casa pais	20	15,6
casa amigos	18	14,1
outro - festa	8	6,3
descampado	4	3,1
Ovibeja	4	3,1
casa de avós	2	1,6
restaurante	2	1,6
Total	127	99,2
Missing	1	0,8
Total	128	100,0

Verifica-se serem as discotecas/bares os locais onde a maior parte dos alunos diz ter consumido a sua primeira bebida alcoólica (40,6%), seguidos da casa dos pais (15,6%) e de amigos (14,1%) e dos cafés (10,9%).

No que diz respeito às razões que os levaram a iniciar o consumo, a “curiosidade” consistiu na razão principal apontada pela maioria dos alunos (59,4%). A combinação com outros variados motivos constitui a razão para o resto da amostra, estando a “curiosidade” agregada em 75,1% dos casos.

Na Tabela 4 apresentam-se os principais contextos sociais onde os jovens costumam consumir bebidas alcoólicas.

Tabela 4. Resultados relativos aos principais contextos onde os jovens costumam consumir bebidas alcoólicas

Contextos sociais	f	%
festas	31	24,1
saída amigos	8	6,3
fins de semana	3	2,3
fim de período	1	0,8
diariamente	2	1,6
saídas com amigos, fins de semana	2	1,6
festas, saídas com amigos e fins de semana	25	19,5
festas e saídas com os amigos	30	23,4
festas e fins de semana	3	2,3
todas as opções	1	0,8
festas, saídas com os amigos, fins de semana e final de período	16	12,5
final de ano	1	0,8
festas, saídas com amigos, final de período	2	1,6
festas, fins de semana, final período	1	0,8
Total	126	98,4
Missing	2	1,6
Total	128	100,0

De acordo com os dados da tabela 4, verificamos que a maioria dos consumos de álcool pelos jovens (79,5%) está associada a contextos festivos, com amigos e principalmente ao fim de semana.

Cerca de 69% dos inquiridos afirmaram ter consumido a sua primeira bebida alcoólica com os amigos e, cerca de 23% refere tê-lo feito na presença da família. Cerca de 74% das companhias para o primeiro consumo estão associadas aos amigos.

De entre a enorme diversidade de efeitos que os jovens procuram obter através do consumo de álcool, há a destacar a procura de diversão e alegria, que estão associados 75,8% dos principais efeitos procurados.

Na Tabela 5 são apresentados os dados relativos à opinião dos jovens, acerca da idade mínima para ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas.

Tabela 5. Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade mínima que considera ser permitido consumir bebidas alcoólicas”

Idade mínima	f	%
10	3	2,1
11	1	0,7
13	1	0,7
14	17	12,2
15	22	15,7
16	78	55,7
17	4	2,9
18	10	7,2
20	1	0,7
21	1	0,7
Total	138	98,6
Missing	2	1,4
Total	140	100,0

Verifica-se que um pouco mais metade dos alunos (55,7%) considera que a idade mínima permitida para consumir de álcool deva ser 16 anos; todavia, os resultados encontrados (Tabela 2) revelaram que apenas 1,6% dos inquiridos consumiu a sua primeira bebida com essa idade; todos os demais o fizeram precocemente.

É com alguma preocupação que verificamos que 35,7% dos jovens considera que mais de metade dos seus amigos consomem álcool e 32,1% considera que todos os seus amigos o consomem. Estes resultados estão em coerência com outros que encontrámos, pois cerca de 69% dos jovens consome álcool com os amigos, donde se infere que a maior parte dos seus amigos consome álcool.

Tendo em conta os principais efeitos relatados que o álcool exerce sobre os jovens, verifica-se que a alegria está associada a 76% das consequências. Cruzando estes dados com os encontrados sobre os principais efeitos que se procuram no consumo, os alunos relatam essencialmente diversão e alegria, sendo esta um dos efeitos que o álcool mais exerce sobre os jovens.

Medidas de associação

Para avaliar a dependência entre as diferentes variáveis em estudo, recorreremos ao estudo do grau de associação através de medidas adequadas para variáveis nominais, tais como as baseadas no Teste do Qui-quadrado (Maroco, 2010). Considerou-se uma probabilidade de erro de tipo I (α) de 0,05 em todas as análises inferenciais. As hipóteses em estudo são: “H0 – As variáveis em estudo são independentes” e “H1 – Existe uma relação entre as variáveis”.

A Tabela 6 apresenta a análise da associação das variáveis “Sexo” e “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica”, cujos resultados revelam que são independentes.

Tabela 6. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	15,465 ^a	11	0,162
Likelihood Ratio	17,583	11	0,092
Linear-by-Linear Association	0,517	1	0,472
N.º de casos válidos	126		

a. 16 células (66,7%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,44.

Da análise do gráfico da Figura 1 verificamos que as raparigas tenderam a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas entre os 12 e os 14 anos, havendo um pico maior aos 14 anos. Já os rapazes iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas aos 13 anos.

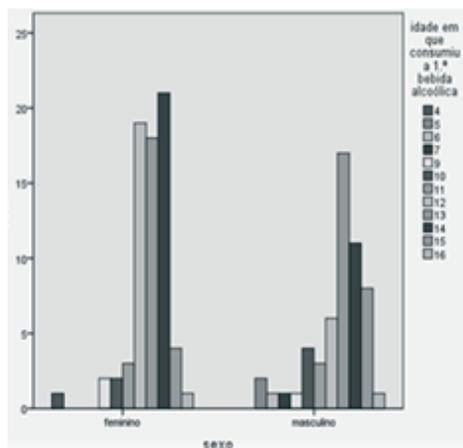


Figura 1. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica”.

Na Tabela 7 apresentam-se as análises para a associação das variáveis “Sexo” e “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica”. Os resultados encontrados revelam que as variáveis consideradas são independentes.

Tabela 7. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Local onde se consumiu a primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	10,751 ^a	9	0,293
Likelihood Ratio	12,977	9	0,164
Linear-by-Linear Association	0,610	1	0,435
N.º de casos válidos	127		

a. 12 células (60,0%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,87.

No gráfico da Figura 2, observa-se que, para os dois sexos, os dois principais locais de consumo de bebidas alcoólicas foram as discotecas/bares, seguidos da casa dos pais. Para as raparigas, o café assume-se como o terceiro local de escolha, enquanto para os rapazes o substituem pela casa dos amigos.

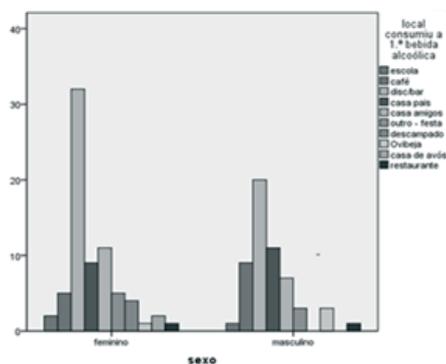


Figura 2. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Lo

Os resultados dos testes de associação entre as variáveis “Sexo” e “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica” apresentam-se na Tabela 8, concluindo-se que são independentes.

Tabela 8. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	13,153 ^a	11	0,515
Likelihood Ratio	16,804	11	0,267
Linear-by-Linear Association	0,008	1	0,929
N.º de casos válidos	128		

a. 25 células (83,3%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,43.

De acordo com os dados da Figura 3, a maioria dos rapazes e das raparigas consumiu a primeira bebida alcoólica por curiosidade.

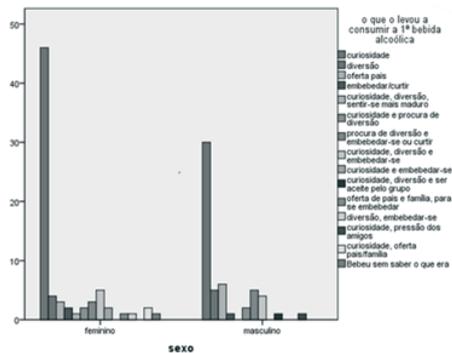


Figura 3. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica”.

Na Tabela 9 registam-se os testes de associação entre as variáveis “Sexo” e “Contextos sociais/ocasiões onde consome bebidas alcoólicas”. Os resultados encontrados para p-value revelam que as variáveis consideradas são dependentes.

Tabela 9. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Contextos sociais/ocasiões onde consome bebidas alcoólicas”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	23,464 ^a	13	0,036*
Likelihood Ratio	27,649	13	0,010
Linear-by-Linear Association	0,029	1	0,864
N.º de casos válidos	126		

a. 20 células (71,4%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,42. * - p-value < 0,05

De acordo com os dados do gráfico da Figura 4, as raparigas consomem bebidas alcoólicas preferencialmente em festas, saídas com amigos e fins de semana, enquanto que os rapazes costumam consumir bebidas alcoólicas em festas, saídas com amigos, fins de semana e finais de período.

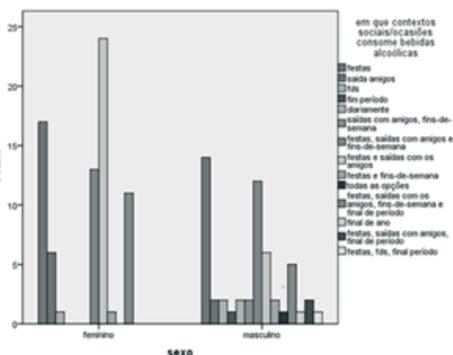


Figura 4. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Contextos sociais/ ocasiões onde consome bebidas alcoólicas”.

Os resultados dos testes de associação entre as variáveis “Sexo” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica” apresentam-se na Tabela 10, concluindo-se que são independentes.

Tabela 10. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	9,602 ^a	6	0,142
Likelihood Ratio	12,897	6	0,045
Linear-by-Linear Association	3,198	1	0,074
N.º de casos válidos	128		

a. 10 células (71,4%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,43.

A análise do gráfico da Figura 5 permite-nos perceber que a maior parte dos rapazes e das raparigas consumiu a primeira bebida alcoólica com amigos e de seguida com a família.

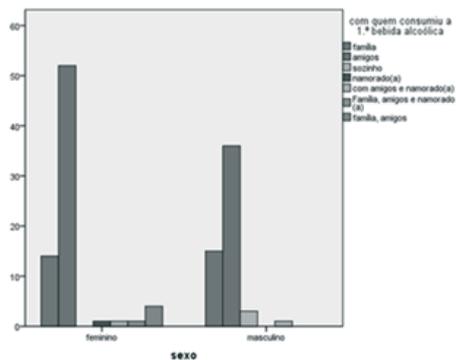


Figura 5. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”.

Na Tabela 11 registam-se os resultados dos testes de associação entre as variáveis “Sexo” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”. Os resultados encontrados para p-value revelam que as variáveis consideradas são independentes.

Tabela 11. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	37,098 ^a	33	0,286
Likelihood Ratio	49,732	33	0,031
Linear-by-Linear Association	0,903	1	0,342
N.º de casos válidos	126		

a. 64 células (94,1%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,42.

Da análise do gráfico da figura 6 observamos que tanto os rapazes como as raparigas procuram obter diversão e alegria, o que está de acordo com os dados do gráfico da Figura 9, sendo estes os principais efeitos do álcool.

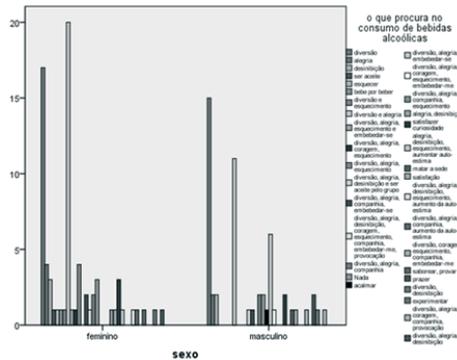


Figura 6. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”.

Na Tabela 12 apresenta-se as análises para a associação das variáveis “Sexo” e “Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas”. Os resultados encontrados revelam que as variáveis consideradas são independentes.

Tabela 12. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas”

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	10,683 ^a	9	0,298
Likelihood Ratio	13,324	9	0,148
Linear-by-Linear Association	1,172	1	0,279
N.º de casos válidos	138		

a. 13 células (65,0%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,44.

O gráfico da Figura 7 indica-nos que a maioria dos rapazes e raparigas considera que o primeiro consumo de bebidas alcoólicas deve ocorrer apenas aos 16 anos. Contudo, de acordo com os dados do gráfico da Figura 1, estes jovens iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas entre os 12 e os 14 anos, ou seja, antes da idade que consideram razoável para o seu início.

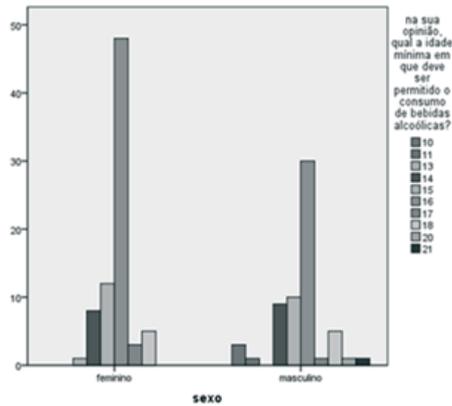


Figura 7. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas”.

Os resultados dos testes de associação entre as variáveis “Sexo” e “Do seu grupo de amigos quantos consomem bebidas alcoólicas” apresentam-se na Tabela 13, concluindo-se que são independentes.

Tabela 13. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Do seu grupo de amigos quantos consomem bebidas alcoólicas”

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	11,738 ^a	6	0,068
Likelihood Ratio	12,291	6	0,056
Linear-by-Linear Association	0,326	1	0,568
N.º de casos válidos	140		

a. 7 células (50,0%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 1,33.

De acordo com a análise do gráfico da Figura 8, tanto os rapazes como as raparigas consideram que mais de metade ou todos os seus amigos já consumiram bebidas alcoólicas.

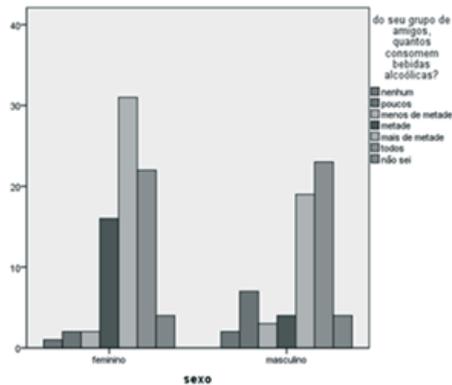


Figura 8. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas”.

Na Tabela 14 apresentam-se as análises para a associação das variáveis “Sexo” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si”. Os resultados encontrados revelam que as variáveis consideradas são independentes.

Tabela 14. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “Sexo” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si”

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	22,314 ^a	23	0,501
Likelihood Ratio	29,268	23	0,172
Linear-by-Linear Association	3,437	1	0,064
N.º de casos válidos	65		

a. 48 células (100,0%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,46.

O gráfico da Figura 9 mostra-nos que as raparigas obtêm essencialmente, alegria, ou alegria e excitação, ou euforia, desinibição, alegria e excitação, quando consomem bebidas alcoólicas. Os rapazes também obtêm, maioritariamente, euforia, alegria e excitação. Contudo, associados a estes efeitos, também obtêm enjoos, tonturas e desinibição. Se compararmos com os resultados do gráfico da figura 6, verificamos que os jovens procuram essencialmente diversão e alegria, sendo esses os principais efeitos que obtêm.

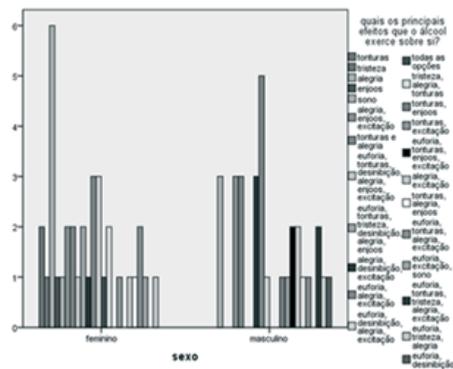


Figura 9. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si”.

Na Tabela 15 apresentam-se os resultados dos testes de associação entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Local de consumo da primeira bebida alcoólica”. Os resultados do p-value indicam que as variáveis são significativamente dependentes.

Tabela 15. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Local de consumo da primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	180,012 ^a	126	0,001*
Likelihood Ratio	85,466	126	0,998
Linear-by-Linear Association	0,789	1	0,374
N.º de casos válidos	127		

a. 146 células (97,3%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,02. - p-value < 0,05.

De acordo com os dados do gráfico da Figura 10, a curiosidade, seguida da procura de diversão e para depois se “embebedarem” ou “curtirem” são os principais motivos que levaram os jovens a procurar as bebidas alcoólicas, consumindo-as, pela primeira vez, em discotecas/bares, na casa dos pais e na casa dos amigos.

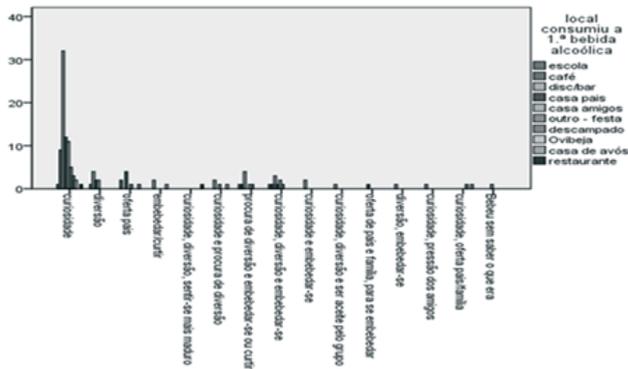


Figura 10. Gráfico de frequências das variáveis “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e o “Local de consumo da primeira bebida alcoólica”.

Os resultados dos testes de associação entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e o “Em que contextos sociais/ocasiões consome bebidas alcoólicas” apresentam-se na Tabela 16, indicando que são dependentes, de acordo com o p-value.

Tabela 16. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Em que contextos sociais/ocasiões consome bebidas alcoólicas”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	229,953 ^a	182	0,009*
Likelihood Ratio	119,107	182	1,000
Linear-by-Linear Association	3,675	1	0,055
N.º de casos válidos	126		

a. 206 células (98,1%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,01. * - p-value < 0,05.

A análise do gráfico da Figura 11 confirma que os jovens procuram satisfazer a sua curiosidade, em festas, em saídas com amigos e fins de semana e finais de período. Segue-se, em prioridade, a procura de diversão e o consumo de bebidas alcoólicas para “se embebedarem” ou para “curtirem”, também em festas, saídas com amigos, fins de semana e finais de período.

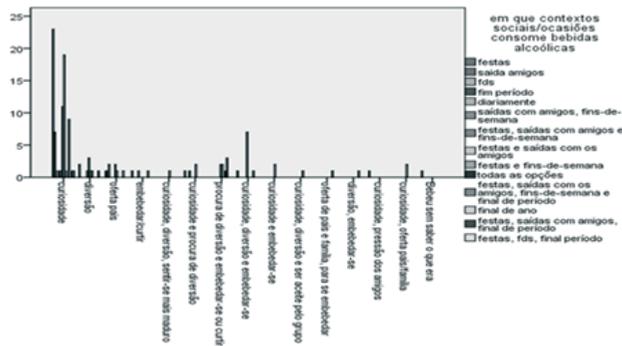


Figura 11. Gráfico de frequências das variáveis “O que o levou a consumir bebidas alcoólicas” e “Em que contextos sociais/ocasiões consome bebidas alcoólicas”.

Na Tabela 17 expressam-se os resultados dos testes de associação entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e o “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”, tendo-se encontrado uma relação de dependência significativa (p-value < 0,05)

Tabela 17. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	122,857 ^a	84	0,004*
Likelihood Ratio	65,875	84	0,928
Linear-by-Linear Association	1,003	1	0,317
N.º de casos válidos	128		

a. 150 células (97,4%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,01. * - p-value < 0,05.

Esta associação pode visualizar-se no gráfico da Figura 12, que revela que a maioria dos jovens consumiu a primeira bebida alcoólica com os amigos e depois com a família, por curiosidade. Um grupo menor consumiu a sua primeira bebida alcoólica com os amigos na procura da diversão e também para se sentir mais maduro.

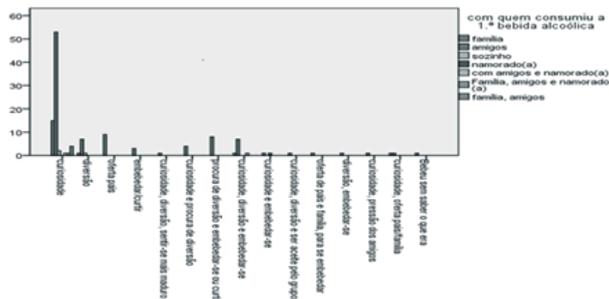


Figura 12. Gráfico de frequências das variáveis “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”.

Na Tabela 18 apresentam-se os resultados dos testes de associação entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”. Os resultados do p-value indicam que as variáveis são significativamente dependentes.

Tabela 18. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	588,438 ^a	462	0,000*
Likelihood Ratio	204,951	462	1,000
Linear-by-Linear Association	3,199	1	0,074
N.º de casos válidos	126		

a. 508 células (99,6%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,01. * - p-value < 0,05.

De acordo com a análise do gráfico da Figura 13, verificamos que os alunos consumiram a primeira bebida por curiosidade e procurando obter diversão e alegria.

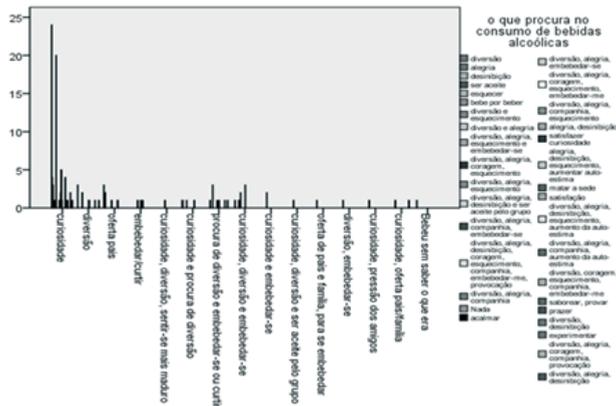


Figura 13. Gráfico de frequências das variáveis “O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas”.

Os resultados dos testes de associação entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e o “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si” apresentam-se na Tabela 19, indicando que são independentes.

Tabela 19. Teste do Qui-quadrado entre as variáveis “O que levou a consumir a primeira bebida alcoólica” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si”.

	Valor	GL	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-square	194,334 ^a	230	0,958
Likelihood Ratio	122,918	230	1,000
Linear-by-Linear Association	1,001	1	0,317
N.º de casos válidos	65		

a. 264 células (100,0%) têm contagem esperada menor que 5. A contagem mínima esperada é de 0,02.

Da análise do gráfico da Figura 13 verificamos que os alunos começam a consumir bebidas alcoólicas, por curiosidade e que obtêm essencialmente, alegria e tonturas quando as consomem, mas também obtêm alegria, ou alegria, enjoo e excitação, ou euforia, alegria e excitação.

Tabela 21. Component loadings.

	Dimensão	
	1	2
- Contextos sociais/ ocasiões em que consome bebidas alcoólicas	-0,219	0,569
- Sexo	-0,104	1,093
- Local consumiu a primeira bebida alcoólica	0,846	0,275
- Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica	0,705	-0,233
- Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica	0,870	0,195
Normalização da variável principal.		

Na dimensão 1 são determinantes as variáveis “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”, “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica”, “Idade em que consumiu a primeira bebida” (Tabela 21). Para a dimensão 2 são determinantes as variáveis “Sexo” e “Os contextos sociais/ocasiões em que consome bebidas alcoólicas”. A Figura 15 ajuda a perceber estes resultados.

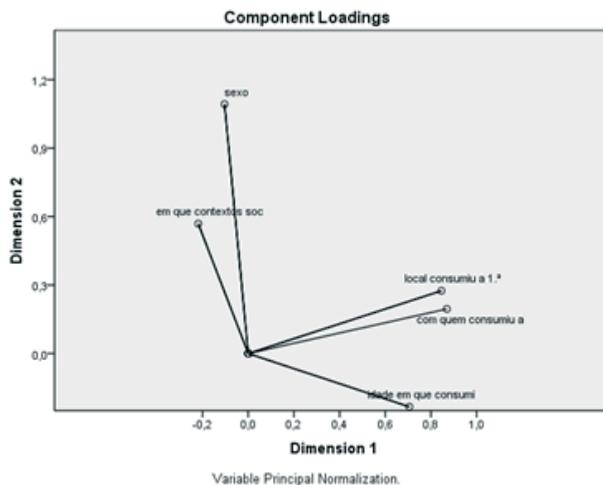


Figura 15. Components loadings nos dois primeiros eixos.

Conclusões

Os resultados encontrados neste estudo permitem-nos afirmar que apenas 8,6% dos alunos refere nunca ter consumido bebidas alcoólicas, enquanto no estudo de Matos et al. (2012), para alunos do 8.º ano, esse valor é de 93,1% (raramente ou nunca). Cerca de 66% dos alunos tende a consumir a sua primeira bebida alcoólica entre os 12 e os 14 anos de idade, confirmando outros trabalhos realizados sobre este

aspeto (Matos et al., 2012). A curiosidade terá sido o principal motivo para mais de metade dos jovens terem experimentado o consumo de álcool. Os primeiros locais de consumo, para ambos os sexos, foram as discotecas/bares, seguidos da casa dos pais e da dos amigos.

O consumo de bebidas alcoólicas ocorre, preferencialmente, em festas, saídas com amigos, fins de semana e finais de períodos letivos. A maior parte dos rapazes e das raparigas consumiu a primeira bebida alcoólica com amigos, seguida do grupo que o fez com a família. Encontrou-se associação, apenas, nas variáveis “O que o levou a consumir bebidas alcoólicas” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica”, ou seja, a maioria dos jovens que consumiu a primeira bebida alcoólica por curiosidade fê-lo com os amigos ou com a família, sendo assim estas variáveis determinantes para o primeiro contacto. Os contextos sociais/ocasiões de consumo de bebidas alcoólicas não se revelaram como determinantes do consumo de álcool.

Estes resultados apontam para a necessidade de uma intervenção preventiva triflanqueada:

(a) a prevenção deve ter o foco na doença e nos problemas gerados pelo consumo de álcool, num futuro longínquo que para muitos é desprovido de interesse e do qual não se tem controlo. Insistir na promoção da saúde, e em menor intensidade na prevenção da doença. Os domínios de intervenção dizem, assim, respeito ao individual, familiar, aos grupos de pares, escolar, comunitário e institucional e do meio social/sociedade. A par da promoção da saúde é importante o controlo dos atos, com necessidade de maior fiscalização no cumprimento do Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro).

(b) capacitação dos alunos, evitando consumos de álcool (pelo menos até à idade legal) e/ou os seus abusos. É improfícuo intervir sobre os comportamentos isolados, devendo-se considerar as constelações e os contextos. A comunicação interpessoal é, sem qualquer dúvida, um caminho para a solução dos problemas.

(c) fortalecimento dos contextos. A escola constitui um campo privilegiado para o desenvolvimento de programas de educação para a saúde, porém, a família é o cenário de socialização de excelência; os programas de capacitação devem envolver, naturalmente, as famílias.

Referências

- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *AUDIT. The alcohol use disorders identification test. Guidelines for use in primary care*. 2nd ed.. s.l.: World Health Organization.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., Barbio, L., & Pascueiro, L. (2008). *II inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoativas na população geral – Portugal 2007*. Lisboa: Instituto da
- ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and Drugs (2007). *Substance use among students in 35 european countries*. Obtido em 6 de setembro, de <http://>

- www.espad.org/documents/Espad/ESPAD_reports/2007/The_2007_ESPAD_Report-FULL_091006.pdf
- Feijão, F. (2008). *Inquérito nacional em meio escolar 2006: consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada. Resultados Preliminares*. Apresentação em Congresso (Évora).
- Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Toxicodependências*, 16(1), 29-46.
- Feijão, F., & Lavado, E. (2003). *Os adolescentes e o álcool: Estudo sobre o consumo de Álcool, Tabaco e Droga*. Obtido em 22 de setembro de 2010, de http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd_Alcool.pdf.
- Gameiro, A. (1998). *Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas em Portugal*. s.l.: Editorial Hospitalidade.
- INSA - Inquérito Nacional de Saúde (2006). *Inquéritos nacionais de saúde*. Obtido em 27 de agosto de 2010, de http://www.onsa.pt/conteu/proj_ins.html
- Passão Lopes, A. J. (2009). A vida, o amor e a amizade como valores do ser humano: contributo da equação vital biodinâmica. In J. Bonito (Coord.), *Educação para a saúde no século XXI. Teorias, modelos e práticas*. (pp. 421-425). Évora:
- Pestana, M. H., Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Marti, J. (1996). *Psicologia infantil e juvenil : adolescência*. Lisboa: Liarte.
- Matos, M., Carvalhosa, S., Reis, C., & Dias, S. (2001). *Os jovens portugueses e o álcool*, 7, 1, FMH/PEPT/GPT.
- Matos, M. (Coord.) (2008). *Consumo de substâncias. Estilo de vida? À procura de um estilo?* Lisboa. IDT, IP.
- Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I, Tomé, G., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses: relatório do estudo HBSC*. Lisboa: Edições FMH
- Schuckit, M. (1991). *Abuso de álcool e drogas: Uma orientação clínica do diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Editora Artes Médica.
- Schuckit, M. (1998). *Abuso de álcool e drogas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- WARC - World Advertising Research Center (2005). *World drink trends*. London: World Advertising Research Center.

LEGISLAÇÃO:

- Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool: 2009-2012, de janeiro de 2009
- Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro
- Plano de Ação contra o Alcoolismo: Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000, de 29 de novembro
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 40/99, de 8 de maio